

OS 7 TRABALHOS DE SÓCRATES

JOSÉ MIGUEL DE MIRANDA URBANO, 1º PRÊMIO,
(I CONCURSO LITERÁRIO DE CONTOS DE INSPIRAÇÃO CLÁSSICA, ESTUDANTE DO ENSINO SECUNDÁRIO)

- Sócrates, vem depressa.- gritou Fainarete - A criança está quase a chegar!

E lá ia o pobre jovem Sócrates. Desde pequeno que tentava ajudar o seu pai no ofício do mármore, mas em vão. As suas mãos não tinham nascido para talhar a pedra. Mesmo quando procurou o Oráculo de Delfos, voltara sem uma resposta satisfatória, e agora, sem futuro com o pai... ia ajudar a mãe nos partos.

239

- Finalmente! Anda lá. É a primeira vez que me ajudas. Sabes o que tens a fazer?

- Sim mãe, já vou buscar a água- respondeu Sócrates sem grande entusiasmo.

E lá foi o jovem ajudar nos preparativos e ajudar a mãe a fazer o seu trabalho de parteira. Foi então que, ao assistir ao trabalho da mãe, concebeu na sua mente uma ideia brilhante: “A minha mãe não irá criar o bebé, apenas o ajudará a nascer e tentará diminuir a dor do parto. Ao mesmo tempo, se ela não ajudar o bebé a nascer, ele pode morrer, assim como a mãe!”. Sócrates parou por um segundo. “Será que sou mesmo chamado a ser parteiro?” E depois descobriu. “. O conhecimento está dentro das pessoas, que são capazes de aprender por si mesmas. Porém, eu posso ajudar no nascimento deste conhecimento”.

Nesse preciso momento um galo cantou no palácio de Hipnos. Morfeu bem tentava apanhá-lo para o calar, mas o galo corria e passava-lhe pelas pernas a uma velocidade que o deus dos sonhos não conseguia acompanhar.

Hipnos foi protestar com Morfeu. Estava muito mal-humorado. Primeiro porque estava acordado, coisa que era contra a sua natureza, e ainda por cima a sua amada Eufrosina não estava no leito quando acordou (o que não é de admirar, visto que sono e a preguiça não se conjugam muito bem com a graça).

- Que se passa, Morfeu?- Resmungou Hipnos, sonolento e angustiado com o barulho do galo – Como é que essa aberração aqui entrou? Não é uma criatura vulgar. Tu que dominas os sonhos e compreendes todos os significados, dizes-me o que está por detrás disto?

-Pelo que vejo – respondeu Morfeu- alguém vai despertar Atenas da ignorância, e quem sabe, o mundo.

Hipnos matutava enquanto esfregava a cara de sono.

- Então o culpado é óbvio. Morfeu, faz-me um favor. Vai ter com Atena e diz-lhe para deixar de me atormentar ou eu chamo os meus irmãos para acabar com esse alguém que ela decidiu encarregar de despertar Atenas da ignorância e a mim do meu querido sono.

E lá foi Morfeu ao Olimpo dos Doze dar o recado à deusa da estratégia e da ciência.

- Não sei de que falas- respondeu Atena com ar de quem se sente ultrajada.

- Atena, eu conheço o inconsciente dos mortais e algum consciente dos deuses. – disse Morfeu como quem a desmascara- Há já algum tempo que incutiste a esse Sócrates a vocação que ele demorou a descobrir. Deixa esse homem e tudo voltará a ser como antes.

- É isso mesmo que temo - responde a deusa revoltada- que sobre o mundo paire a preguiça e a ignorância. Este homem trará o desejo da procura da verdade, e a verdade liberta o homem. Se há coisa que a minha irmã Artemis me ensinou é que não podemos tirar a verdadeira liberdade a ninguém. Diz ao sonolento que chame os seus irmãos e que a deusa da vitória lhe cede a primeira jogada.

Então Morfeu regressou ao palácio de Hipnos e este convocou os seus irmãos. Todos vieram, exceto Filotes, deus da amizade, devido à honestidade que lhe é tão característica. Atena também não estava sozinha. Foi para os campos Elísios onde se reuniu com os heróis que em tempos apoiara e que tinham agora oportunidade de lhe retribuir o favor.

Ao descobrir a sua vocação, Sócrates apressou-se a aprender a filosofar. Tornou-se discípulo de Anaxágoras, Pródico e Arquélau, e depressa se tornou célebre pela sua sabedoria.

Mas para poder ser cidadão ateniense, o jovem filósofo teria de cumprir o serviço militar. Hipnos vê então uma oportunidade para o fazer cair na sua primeira batalha.

Péricles mandara um exército apoiar uma rebelião egípcia contra os persas, e Sócrates integrava esse exército. Ao longo de uma cansativa viagem que atravessou o deserto, o parteiro de ideias ia descobrindo que teria muito tempo para trabalhar no seu ofício. Ao chegar ao forte dos rebeldes, tendo caído a noite, Morfeu viu nos sonhos de Sócrates a profunda ânsia de descobrir a verdade.

Na manhã seguinte, Sócrates acorda com o grito da sentinela a anunciar a chegada do exército persa. O tamanho do exército e o silêncio aterrador que pairava no ar, como em todos os momentos intermináveis que antecedem as batalhas, assombrou os soldados que congelaram nas suas posições. Então Sócrates empunhou a lança com força frente ao portão, despertando, pela primeira vez, os atenienses para a ação.

Subitamente, começa o combate. De cima do forte, os arqueiros tentaram retardar o inevitável, mas à terceira pancada colossal da ariete, os portões cederam.

O choque de forças foi violentíssimo. Não demorou muito tempo até que o exército mal preparado dos egípcios e o dos atenienses, fatigados, comesse a ser massacrado. Aí, Sócrates viu a violência que nunca vira em qualquer um dos seus pesadelos. Morfeu conseguiu trocar a ânsia do saber que habitava em Sócrates pelo terror. “Como é tudo isto possível? Será esta a verdade das coisas?” dizia para consigo o soldado tombado no chão olhando para a miséria que o deus Oizus espalhava pelo campo. Némesis aproveitou esse momento para inspirar no espírito de Sócrates a vingança. Sócrates empunhou mais uma vez a lança.

Atenas a tudo isto assistia e reagiu:

- Aquiles, tu que foste o maior dos soldados, faz alguma coisa!

242

Então Aquiles fez ecoar a sua voz, fazendo-a soar no espírito de Sócrates, imitando a voz do seu mestre Anaxágoras: “Nunca te esqueças, Sócrates, que Aquiles só venceu Heitor porque Atena o lembrou de manter a calma e conter a raiva. Guarda esta lição para a posteridade.” E Sócrates, ao ver alguns dos seus em retirada, em vez de usar a lança para o combate, apoiou-se nela para seguir os companheiros.

Nesse mesmo ano chegou a Hora de Sócrates. Quando a cidade aclamou os soldados da batalha de Salamina, formou-se um pequeno grupo de crianças à volta do jovem Sócrates. Começava assim um longo período ao longo do qual cresceram com Sócrates muitas crianças a quem ele ensinou os caminhos da procura do conhecimento, do amor e da virtude.

Quando Sócrates foi pela primeira vez questionado sobre a sua sabedoria, o deus Éter encheu o seu coração de grandezas. Sentia-se sábio, com um conhecimento tão vasto como o céu. Tudo ficava em risco, pois poderia cair no erro da suposição da sabedoria. Mas Atena levou a sua avante, recorrendo a Perseu que lembrou ao nosso herói que o homem

não pode abarcar todo o conhecimento, nem ver tudo. Então, a quem lhe perguntava pela sua sabedoria, Sócrates respondeu: “Só sei que nada sei”. A esta resposta, o galo começou a cantar cada vez mais alto e Hipnos começou a ficar preocupado, pois não via modos de voltar ao seu sossego.

Entretanto, estalou a Guerra do Peloponésio, e Sócrates, pelo número de apoiantes que reunia, foi eleito general. Hipnos não interveio, por preguiça e por achar que a virtude conquistada por Sócrates seria a sua própria ruína em tempo de guerra. De facto, Hipnos pensava bem. Sócrates, cheio de virtude, no fim da guerra, ao ver a derrota evidente, ordenou que todos os soldados regressassem de imediato para Atenas, mesmo sem enterrar os mortos. Por isso, Sócrates foi preso ao chegar à cidade e levado a julgamento.

- A lei é muito clara. -afirmou a acusação- O general tem de enterrar os seus soldados mortos ou morrer tentando.

- Atenienses – clarificou Sócrates- eu dei as minhas ordens para salvar os poucos soldados que restavam. Mesmo que fôssemos morrer a tentar enterrá-los, quem os enterraria, estando nós mortos?

243

Então, convocado por Atena, Ulisses inspirou a inteligência dos atenienses, chamando-os à razão e Sócrates foi libertado.

Com o passar do tempo, Sócrates começou a colher muitos inimigos graças às suas ideias. O seu método filosófico fazia as pessoas romper com as conceções aprendidas na sociedade e obrigá-las a pensar por si mesmas, o que não agradava propriamente a todos. Uns dos opositores de Sócrates foram os sofistas. Os sofistas defendiam que, como tudo era relativo a cada sociedade, a verdade defendida na argumentação devia ser aquela que conviesse à sociedade. Era para ensinar isto aos jovens que os sofistas eram pagos. Para além disso adquiriam saber enciclopédico mostrando que sabiam muito, enquanto Sócrates defendia que assumir conhecimento era um entrave para a sua procura. Sócrates via neles e

no seu relativismo e cepticismo uma grande ameaça à busca da verdade. O seu trabalho manipulador do ‘conhecimento’ e mercenário era um entrave à formação dos jovens na verdadeira sabedoria. Nisto Momo, deus do escárnio, viu uma boa oportunidade para instigar em Sócrates a tentação de responder com ataques pessoais às acusações que lhe faziam.

- Atena –disse Belerofonte à deusa da Vitória, ao ver que tudo isto se passava- devolvo-te a correia que me deste para domar o Pégaso. Talvez assim Sócrates domine o seu espírito mais uma vez.

Atena aceitou a correia e de tal modo inspirou em Sócrates o auto-domínio, que ele contra-argumentou com os seus opositores, sempre fiel ao debate justo.

Enfim, Sócrates ia ensinando os seus discípulos na verdade, deixando neles uma marca notável. Mas o tempo ia pesando sobre ele. Por essa razão, Atena não se preocupou com a segunda prisão de Sócrates. A sua hora estava próxima.

Desta vez a acusação foi diferente: Sócrates é culpado do crime de não reconhecer os deuses reconhecidos pelo Estado e de introduzir divindades novas; ele é ainda culpado de corromper a juventude. Castigo pedido: a morte. A defesa de Sócrates foi notável e foi posta a hipótese de proibir Sócrates de ensinar, evitando-se uma execução.

Foi então que, diante da escolha entre morrer ou não filosofar, Geras, o deus da velhice, inspirou um pensamento ao herói. “Já sou velho, mas ainda posso viver mais um pouco. Para além disso, já dediquei toda uma vida à filosofia”. Mas nem assim Hipnos conseguiu o que pretendia porque Hércules falou na consciência de Sócrates. “Um momento? Não fui eu que, na segunda Guerra do Peloponésio, com 55 anos carreguei Xenofonte por muitos estádios? Essa força não pode sair do meu espírito, mesmo no fim!”

- Vocês deixam-me a escolha entre duas coisas:-respondeu Sócrates, de peito erguido- uma que eu sei ser horrível, que é viver sem poder

transmitir os meus conhecimentos para o futuro. A outra, que eu não conheço, é a morte. Escolho, pois, o desconhecido!

E de seguida, dirigindo-se aos atenienses que o julgaram, disse:

- Atenienses, tenho por vós consideração e afeto mas antes quero obedecer ao deus do que a vós, e, enquanto tiver um sopro de vida, enquanto me restar um pouco de energia, não deixarei de filosofar e de vos advertir e aconselhar, a qualquer de vós que eu encontre, dir-vos-ei, segundo o meu costume: “Meu caro amigo, és ateniense, natural de uma cidade que é a maior e a mais afamada pela sabedoria e pelo poder. Não te envergonhas de só cuidares de riquezas e dos meios, de as aumentares o mais que puderes, de só pensares em glória e honras, sem a mínima preocupação com o que há em ti de racional, com a verdade e com a maneira de tornar a tua alma o melhor possível?”

Hipnos entrou em pânico. Que iria fazer agora? Esgotara quase todas as suas hipóteses. Os irmãos que ainda não o tinham ajudado não tinham nenhum poder muito relevante. A não ser... Filotes! Sim! Só o poder da amizade sincera poderia derrubar aquele mártir. Mas como conseguir convencer o seu irmão a fazer parte de um golpe tão baixo? Só havia uma maneira. Ele próprio tinha de se levantar e ir falar com o seu irmão! Perante tal hipótese, Hipnos começou a pensar que o galo não era mau de todo. Mas a sua agonia obrigou-o a agir.

Assim, foi ter com Filotes, e com um falso ar de arrependimento alimentado pela sua sincera agonia, suplicou-lhe:

- Querido irmão. Reconheço o erro que foi tentar travar este homem justo. Ele agora está preso e vai ser executado. Por favor, desce sobre os corações de Críton e os seus restantes discípulos para o salvarem.

E o irmão, Filotes, dócil como era, fez o que Hipnos lhe pediu.

Quando os discípulos de Sócrates foram à sua cela tentar persuadi-lo a fugir, foi a vez de Atena rezear pelo pior. Ela não esperava isto. Nem a deusa da estratégia está isenta de ataques surpresa. E que herói lhe vai valer agora? O filósofo está deixado à sua sorte e só ele pode valer a si mesmo.

Mas, de repente, ela pára de pensar e escuta Sócrates:

- Se, no momento em que eu estivesse para me evadir daqui, ou como quer que se diga, chegassem as Leis e a Cidade, assomassem perguntando: “Diz-nos, Sócrates: que pretendes fazer? Que outra coisa meditas, com a façanha que intentas, senão destruir-nos a nós, as Leis e toda a cidade, na medida de tuas forças?” Que responder a isso, Críton?

E assim começou Sócrates uma longa argumentação que mostrou um amor tão profundo à sua cidade que a própria Atena se comoveu, enchendo-se de admiração por aquele mortal.

246

Hipnos, desesperado, fez tudo o que podia para tornar o momento da bebida da cicuta o mais penoso possível pensando que assim faria Sócrates voltar atrás. Hespérides fez a tarde descer lentamente para anunciar o fim próximo, Kera tentou incutir-lhe a ideia de que aquele não era o seu destino final, Moro queria fazê-lo pensar que aquele não era o quinhão que deveria receber na vida. Tudo em vão. Por fim, até o próprio Tanatus se viu incapaz de desviar de Sócrates a decisão de morrer por respeito pela cidade e pelas leis. Assim, Sócrates venceu a morte, morrendo.

No momento em que o mestre bebeu a cicuta, os discípulos choraram. O galou calou-se e Morfeu agarrou-o. Hipnos ganhou esperança de que, afinal, o Homem continuaria adormecido na ignorância. Foi então que Sócrates proferiu as últimas palavras alheias a qualquer receio:

- Críton! devemos um galo a Asclépio. Não te esqueças de saldar essa dívida.

E o galo cantou como nunca tinha cantado antes e Atena, os heróis e as Graças aplaudiram a chegada de Sócrates aos Campos Elísios.

- Querido Sócrates.- disse Atena- Obrigada por tudo. Como recompensa, hoje os teus discípulos terão o dom da profecia, para que continuem fielmente o teu legado.

E os aplausos soaram ainda mais alto.

- Idiota!- lamentava Críton - Eu disse-lhe que tinha de cuidar da família e nem isso o demoveu!

- Tens que reconhecer, Críton – explicava penosamente Xenofonte – que em alguns aspetos nunca compreendemos o nosso mestre. Não recebia nada pelo ensinamento que nos dava para não o acusarem de sofista e se estivesse na montanha coberto de neve era capaz de parar para filosofar sobre o que quer que fosse.

- Amava a verdade, a justiça e o amor. – suspirou Platão- Digo-vos que entre todos os que defenderem e pregarem o amor, poucos serão os que não acabarão aniquilados neste mundo.

- Então de que vale continuar o caminho do nosso mestre?- questionou Xenofonte.

-De que vale?! – retorquiu Platão indignado- Tudo! Garanto-vos que não me cansarei de escrever e defender tudo aquilo que o nosso mestre e amigo nos ensinou. Tanto que um dia o mundo que nós conhecemos irá crescer e amadurecer nas ideias do nosso mestre.

- Isso que profetizas pode ser verdade, Platão – afirmou Críton- mas como o mundo se farta de tudo, mesmo da verdade, algo me diz que a modéstia, o pudor, o amor, a moderação, a dedicação, a diligência, a justiça, a educação que Sócrates dizia que deveria caracterizar-nos a nós, jovens, se algum dia estas virtudes vigorarem, acabarão mais tarde ou mais cedo por sucumbir ao prazer mundano que pesa sobre a nossa sociedade. Pode ser que o mundo evolua em muitas coisas, mas se estas virtudes não vigorarem, de pouco valerá essa evolução...